

O TRABALHO DOS GRUPOS DE APOIO PENSANDO A ADOÇÃO INTER-RACIAL

Josiely Silva de Oliveira¹
Bárbara Oliveira Rosa²

<https://doi.org/10.5281/zenodo.17493265>

RESUMO: O presente trabalho teve como objetivo, refletir sobre a adoção inter-racial, buscando compreender os principais caminhos dessa medida de proteção aos direitos da criança e do adolescente, especialmente a partir da ação e dos resultados, obtidos através de aproximações consecutivas de um sujeito coletivo específico: os Grupos de Apoio à Adoção. A reflexão apresentada foi realizada, a partir da pesquisa bibliográfica e documental, procurando entender as propostas de trabalho dos Grupos de Apoio à Adoção. Para construir essas reflexões, foram utilizados livros, artigos científicos, pesquisa em sites oficiais e páginas na mídia desses grupos. Na tentativa de trazer contribuições iniciais ao debate, acerca da adoção inter-racial, tendo em vista que ainda são poucas as produções acadêmico-científicas que contemplem essa temática, bem como com o enfoque nos Grupos de Adoção, que se constituem uma nova forma de organização na contemporaneidade.

Palavras-chave: Adoção inter-racial, Grupos de apoio a adoção, Racismo.

THE WORK OF SUPPORT GROUPS CONSIDERING INTERRACIAL ADOPTION

ABSTRACT: The objective of this study was to reflect on interracial adoption, seeking to understand the main paths of this measure to protect the rights of children and adolescents, especially based on the actions and results obtained through consecutive approaches by a specific collective subject: Adoption Support Groups. The reflection presented was based on bibliographic and documentary research, seeking to understand the work proposals of the Adoption Support Groups. To construct these reflections, books, scientific articles, research on official websites and media pages of these groups were used. In an attempt to make initial contributions to the debate on interracial adoption, given that there are still few academic and scientific works that address this topic, as well as focusing on Adoption Groups, which constitute a new form of organisation in contemporary times.

Keywords: Interracial adoption, Adoption support groups, Racism.

¹ Especialista em Serviço Social na Educação (FVENI) e Graduada em Serviço Social Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM

² Professora adjunta do departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM. Doutora do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo - USP de Ribeirão Preto/SP. Doutora do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social, Faculdade de Ciência Humanas e Sociais - UNESP de Franca/SP

1. INTRODUÇÃO

A adoção representa, de modo geral, uma das formas de proporcionar uma família, afetos e cuidados voltados ao desenvolvimento de crianças e adolescentes que não puderam, por algum motivo, serem supervisionadas pela sua família de origem. Pode também representar em algumas situações, a possibilidade de colaborar com o desenvolvimento de crianças e adolescentes, nos quais membros de suas famílias possuem limitações biológicas ou simplesmente optaram por se responsabilizar pelos cuidados daqueles com quem não possuem nenhuma ligação genética. Não se trata, então, de “escolher” uma criança ou um adolescente, mas de decidir torna-se responsável por aqueles que estão aptos para o processo adotivo. Visto que, quem adota deve ter, enquanto premissa básica: a intenção de colaborar com o desenvolvimento destes, a partir da construção de uma relação preenchida de afetos que resgatem a possibilidade dessa criança ou adolescente conviver uma relação familiar.

Silveira (2005) relata a dificuldade com que crianças e adolescentes negros eram inseridas em um seio familiar, principalmente no Brasil. Em vista disso, tenta compreender os fatores, sociais, culturais e psicológicos que faziam diminuir as chances desses encontrarem uma família adotiva. No meu diálogo com a autora, concordo com seu apontamento de que a sociedade brasileira se mostra preconceituosa e racista, o que ainda torna adoção inter-racial um desafio.

A partir desse raciocínio, esse trabalho versará sobre a adoção inter-racial, a partir das aproximações que as autoras tiveram com Grupos de Apoio à Adoção do Triângulo Mineiro. Neste sentido, o objetivo geral da pesquisa foi: analisar a adoção inter-racial, enquanto um fenômeno complexo e multifacetado, entendendo o trabalho e atuação dos Grupos de Apoio à Adoção.

Logo, a pesquisa adotou o método materialista histórico-dialético, com o intuito de compreender os diversos determinantes de uma dada realidade, que por sua vez é construída historicamente. Para Netto (2011) não se trata assim de estruturas prontas e pré-determinadas, mas de compreender que a realidade é composta por uma historicidade cíclica, contraditória e em constante transformação.

Em relação ao tipo de pesquisa, foram desenvolvidas a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental que podem ser definidas de acordo com Dalbério e Dalbério (2009), da seguinte forma: a primeira pode-se encontrar em fontes bibliográficas, tais quais os materiais criados, produzidos e elaborados, a partir de elementos como: livros, artigos científicos, trata-se de materiais que já receberam tratamento analítico. Já o segundo tipo de pesquisa, segue o mesmo passo da primeira, a diferença é que a documental são de diferentes maneiras,

existem muitas opções como documentos de igrejas, sindicatos, órgãos públicos partidos políticos, dentre outros.

2. A QUESTÃO RACIAL NO BRASIL

O termo raça utilizado em uma visão restrita de conotação biologicista, tornou-se ultrapassado. Atualmente, do ponto de vista biológico-genético, não existe a ideia de raças, mas de apenas uma única espécie, a humana, originária do *Homo sapiens*.

A fundamentação científica, junto com os movimentos sociais negros, originários e antirracistas, desmistificaram tal conceito, ressignificando-o como uma construção sócio-histórica-cultural. Nesse sentido, acreditamos que ao “usarmos o termo raça para falar sobre a complexidade existente nas relações entre negros e brancos no Brasil, não estamos nos referindo, de forma alguma, ao conceito biológico” (Gomes, 2017, p. 45).

Portanto, raça ainda é o termo que consegue dar a dimensão mais próxima do racismo. “O racismo é, por um lado, um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como: cor da pele, tipo de cabelo, etc” (Gomes, 2017, p. 52).

O racismo ainda está presente na sociedade brasileira, pautando-nos na violência policial contra pessoas negras, no discurso de ódio, onde para a concepção fascista e neoliberal, “bandido bom é bandido morto”, adjunto da intolerância contra religiões de matriz africana. Percebemos que, mais do que trabalho forçado, castigos físicos e estupro, o massacre também se deu de forma cultural, na tentativa constante de causar apagamento histórico de tudo aquilo que possui uma origem não-branca e africana. apagando sua história e distorcendo tudo que tivesse sua origem em África.

Para Gasparetto Junior (2009) a questão racial no Brasil é intrinsecamente ligada ao tráfico transatlântico, recorrente no período histórico da ditadura escravagista que culminou nas atrocidades da diáspora africana. Onde, milhares de pessoas foram violentamente sequestradas, roubadas de suas terras e transformadas em reféns, para serem transportadas em navios compostos por pessoas escravizadas. Nesse cenário perverso, onde pessoas escravizadas eram empilhadas em condições desumanas em compartimentos minúsculos e insalubres, onde a privação de alimentos e água, doenças, imundície, o sofrimento dos agonizantes e a presença dos mortos eram uma constante. Sem qualquer respeito pela vida humana, os colonizadores prendiam esses indivíduos com correntes nos porões, marcando seus corpos e tolhendo seus movimentos. As necessidades fisiológicas eram feitas no mesmo espaço confinado e o pouco alimento era lançado nos compartimentos uma ou duas vezes ao dia, forçando as pessoas africanas em condições de escravização a se

organizarem para a divisão diante da escassez, em um ambiente de total desesperança.

Ainda, segundo Gasparetto Júnior (2009), ao chegarem ao Brasil, pessoas escravizadas eram submetidas aos processos de desumanização, que incluí a marcação com ferro em brasa para identificar seus brancos algozes. Nas fazendas da elite brasileira, a rotina de trabalho imposta variava de 12 a 16 horas diárias. As condições de moradia eram precárias, com acomodações coletivas conhecidas como senzalas. A violência física e a alimentação restrita — composta, em sua maioria, por farinha de mandioca, aipim, feijão e banana — contribuíam para a redução drástica da expectativa de vida, que não ultrapassava, em média, 10 a 15 anos de vida útil para as pessoas sob condição de escravização.

Em vista disto, Mbembe (2014) assente que a história do racismo está vinculada à submissão dos corpos não-brancos. Segundo esse pensador, a Europa inventou o “negro” baseados em antigos preceitos racistas de que as pessoas negras eram mercadorias mercantilizáveis.

O Negro não existe, no entanto, enquanto tal. É constantemente produzido. Produzir o Negro é produzir um vínculo social de submissão e um corpo de exploração, isto é, um corpo inteiramente exposto à vontade de um senhor, e do qual nos esforçamos para obter o máximo de rendimento (Mbembe, 2014, p. 40).

Césaire (2010) também relata como a Europa contribuiu para a exclusão das pessoas negras. Por isso, dentro da sua obra ele utiliza concepções teóricas fundamentadas em dois autores: Cheikh Anta Diop, que questiona o racismo científico, com dados que comprovam que o Egito antigo era uma civilização negra e afirma que o continente africano é o berço da humanidade; e Joseph Ki-Zerbo, que reflete sobre a intromissão dos países europeus no continente africano. Segundo o autor, essa “ajuda” eurocentrada influenciou os países africanos, na medida em que implantaram dependências políticas, econômicas e culturais ditadas pela conjuntura continental europeia.

Segundo hooks (2019), o sistema supremacista, patriarcal, branco e capitalista tem negado o amor à negritude. Nesse sentido, compreendemos negritude como uma identidade político-social de resistência e de luta da população negra. A negritude seria, para os negros, uma das estratégias da afirmação é reafirmação de si (Césaire, 2010, p. 18). Ainda segundo esse autor:

A negritude é a tentativa específica do mundo negro de compreensão teórica desse fenômeno poderoso que é o racismo, e da articulação de respostas para contê-lo em suas ramificações socioeconômicas, combatê-lo no imaginário social e destruí-lo nas estruturas através de medidas políticas, culturais e econômicas concretas (Césaire, 2010, p. 34-35).

De acordo com hooks (2019), o ato de amar a negritude deve ser compreendido como uma das formas essenciais de resistência. Isso é particularmente relevante em um cenário onde pessoas negras continuam a ser atravessadas pelas mais randômicas mazelas da questão social, racial e pela persistência da ditadura elitista-escravista no Brasil. Pois, em um passado não tão distante, pessoas negras escravizadas foram forçadas a testemunhar a venda de seus filhos e a ver seus companheiros e amigos sofrendo as mais esdrúxulas violações. Diante de tamanha brutalidade, a repressão de sentimentos tornou-se uma estratégia de sobrevivência. Dada a persistência do racismo no período pós-processo de escravização, a negação das emoções permaneceu intrínseca à trajetória histórica da população negra, onde a sobrevivência passou a ter primazia sobre o amor.

A partir desse parâmetro histórico, este estudo visa refletir como se constitui a questão da adoção inter-racial no Brasil. E como a preferência de familiares adotantes por crianças e adolescentes brancos, também é uma forma de negar o amor à comunidade negra brasileira.

2.1 A adoção inter-racial no Brasil

A adoção inter-racial para Pavezi (2004) é caracterizada como a adoção de crianças e adolescentes de raça-etnia distintas dos adotantes. Ou seja, nesse tipo de adoção os adotantes não exigem que crianças e adolescentes ao serem adotados, tenham características fenotípicas específicas, tais como: cor de pele, formato do rosto, tipo de cabelo, iguais ou semelhantes aos dos candidatos adotantes.

As autoras Souza e Casanova (2011) assentem que a adoção inter-racial, é também a adoção entre pessoas de etnias ou raças diferentes. É comum na adoção internacional e está crescendo no Brasil, formando famílias de muitos aspectos. A adoção se torna visível, e familiares também enfrentam pressões socioculturais. Levando em consideração que a maioria das crianças e adolescentes disponíveis para adoção são negras e as características que fogem à branquitude, ainda são vistas de formas pré-concebidas nas famílias devido à educação e valores centralizados no racismo estrutural.

A adoção inter-racial, ganhou força a partir da década de 1960 e atraiu o interesse de muitos pesquisadores focados em seus efeitos psicológicos e sociais. Contudo, conforme destaca Weber (2001), a maior parte da literatura sobre o tema é de origem internacional. Considerando que cada sociedade enfrenta suas adversidades sociais e raciais de formas distintas, é fundamental intensificar as pesquisas nacionais sobre essa temática. Essa necessidade é ainda mais urgente no Brasil, onde a população negra ainda lida com as mais randômicas manifestações da questão racial e social. Fazendo com que crianças e adolescentes em processo de adoção inter-racial brasileira enfrentam desafios específicos, como a ausência de identidade negra intrafamiliar, episódios de racismo e a diferença étnica-racial-cultural em relação aos seus familiares

adotivos. Entender esses enfrentamentos em nosso contexto é crucial para um desenvolvimento humano mais integral, afetivo e acolhedor.

Apesar da dimensão histórica do racismo brasileiro, existem incentivos nos nacionais que viabilizam a adoção inter-racial, entre eles, pode ser mencionado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no qual estimulou, a partir do Artigo 87: “campanhas de estímulo ao acolhimento sob forma de guarda de crianças e adolescentes afastados do convívio familiar e à adoção, especificamente inter-racial” (BRASIL, 1988, online).

Como pode ser percebido nesse mesmo artigo especialmente no inciso VII – no qual foi incluído a partir da Lei 12.010 de 2009 – onde o Estado Brasileiro precisou intervir na garantia de crianças negras, ora afastadas de suas famílias de origem a possibilidade de serem inseridas em famílias substitutas. O fato de ser necessário a adequação na legislação, demonstra o abismo da desigualdade racial no Brasil que pode ser visualizada de forma nítida nos processos adotivos.

Mesmo com esse incentivo da legislação, ainda permanece essa distância em relação à adoção, onde a maioria das crianças que permanecem sem ser adotadas são negras. Como é possível uma pessoa dizer que ama uma criança, mas a deixa excluída, privando a sua felicidade, por não contemplarem as projeções impostas pela branquitude.

Conforme dados de 2011 do Portal Agência Brasil, 51 crianças negras com mais de cinco anos estavam habilitadas para adoção no Distrito Federal. No entanto, apesar de um total de 410 famílias na fila de espera – com 393 delas demonstrando interesse efetivo em adotar – apenas 34 crianças foram efetivamente adotadas. Essa significativa lacuna nos processos de adoção no Brasil pode ser atribuída, em grande parte, ao racismo estrutural. Este fenômeno perpetua a idealização da “criança perfeita” segundo padrões de branquitude, resultando na exclusão de crianças e adolescentes negros da inserção em núcleos familiares. A reportagem realizada por Valesco e Reis (2017) ao Portal G1, reitera essa perspectiva, pois aponta que apenas 10% das crianças e adolescentes adotados são negros.

Diante disto, mesmo que a realidade brasileira, ainda seja afetada pelo racismo estrutural, no qual influencia negativamente os processos de adoção inter-racial, torna-se urgente a luta por mudanças significativas nesse cenário. Uma das organizações que reindinca a humanização desse processo de maneira crítica, são os Grupos de Apoio à Adoção, nos quais serão melhor elaborados no tópico a seguir.

2.2 Os grupos de apoio à adoção no Estado de Minas Gerais

Conforme Weber (2011), os Grupos de Estudos e Apoio à Adoção (GEAAs) foram criados no Brasil, considerando o histórico e o cenário contemporâneo da adoção. Esses grupos buscam harmonizar os interesses dos candidatos à

adoção com o objetivo fundamental da adoção moderna: assegurar a todas as crianças o direito de crescer e ser educada em um ambiente familiar.

Esse grupo é constituído por indivíduos com objetivos em comum, incluindo famílias que já adotaram ou que estão em processo de adoção, e profissionais vinculados à área. A participação exige interesse e comprometimento para esclarecer dúvidas sobre a adoção, dada a complexidade legal do processo e a necessidade de compreensão para evitar futuros entraves burocráticos relacionados ao abandono de crianças e adolescentes institucionalizados. Além disso, a inserção em um grupo de apoio à adoção é considerada uma etapa fundamental no processo, auxiliando na superação de possíveis obstáculos.

A pesquisa realizada sobre Grupos de Adoção mostrou que o Estado de Minas Gerais conta com 19 grupos de adoção, localizados em 18 municípios, sendo eles: Araguari, Araxá, Belo Horizonte, Betim, Botelhos, Contagem, Divinópolis, Frutal, Governador Valadares, Itabirito, Itajubá, Sacramento, São João Del Rei, Santa Luzia, Santa Rita do Sapucaí, Sete Lagoas, Uberaba, Uberlândia. Em vista desta informação, será apresentada abaixo uma tabela que fornece um breve panorama de alguns grupos a partir das informações por eles disponibilizadas em seus respectivos sites e redes sociais.

TABELA 1 – MAPEAMENTO DOS GRUPOS DE APOIO À ADOÇÃO EM MINAS GERAIS

Nome	Cidade
Grupo de Apoio à Adoção “GERAR”	Araguari/MG
O Grupo de Apoio à Adoção e à Convivência Familiar e Comunitária “Aquecendo vidas”	Araxá/MG
O Grupo de Apoio à Adoção “GAABH”	Belo Horizonte/MG
O Grupo de Apoio à adoção “Benquerer”	Belo Horizonte/MG
O Grupo de Apoio à Adoção de Betim	Betim/MG
O Grupo de Apoio à Adoção “Famílias do Coração”	Botelhos/MG
O Grupo de Apoio à Adoção “Amigos de DUDA”	Contagem/MG
O Grupo de Apoio à Adoção “De Volta Pra Casa”	Divinópolis/MG
O Grupo de Apoio à Adoção “Frutos do Afeto”	Frutal/MG
O Grupo de Apoio à Adoção “Habitar em Família”	Governador Valadares/MG

O Grupo de Apoio à Adoção “Caminhos do Coração-GAAICC”	Itajubá/MG
O Grupo de Apoio à Adoção “Casulo”	Itabirito/MG
O Grupo Voluntário de Apoio à Adoção “Maria Fumaça”	São João Del Rei/MG
Associação de Apoio a Adoção, Convivência Familiar e Comunitária “Doce Adoção-GADA”	Santa Luzia/MG
O Grupo de Apoio à Adoção “Filhos (as) do Coração”	Santa Rita do Sapucaí/MG
O Grupo de Apoio à Adoção “Caminhos do Coração-GAAS”	Sacramento/MG
O Grupo de Apoio à Adoção “Amor Pra Toda Vida”	Sete Lagoas/MG
O Grupo de Apoio à Adoção “Pontes de Amor”	Uberlândia/MG
O Grupo de Apoio à Adoção “GRAAU”	Uberaba/MG

Fonte: Elaboração própria.

O Grupo de Apoio à Adoção de Betim possui reuniões mensais com divulgação prévia em suas redes sociais, este é considerado um grupo novo, por não possuir um registro de Pessoa Jurídica. Neste grupo, os participantes discutem questões pontuais da futura diretoria e a maioria adotaram seus/as filhos/as na mesma época, então o foco das discussões tornaram-se os dilemas que as famílias estão vivenciando.

O Grupo de Apoio à Adoção “Caminhos do Coração - GAAS” do município de Sacramento/MG realiza suas reuniões todos os segundos sábados do mês, das 14:00 às 17:00 horas. Este grupo chegou à Sacramento devido ao apoio, orientação e ajuda do grupo GRAAU de Uberaba/MG. É composto por familiares e pretendentes à adoção, cadastrados nas comarcas, e profissionais como: psicólogos, pedagogas, assistentes sociais, advogados, que trabalham voluntariamente em apoio à causa.

No Grupo de Apoio à Adoção “Filhos (as) do Coração” da cidade de Santa Rita do Sapucaí/MG, as reuniões ocorrem mensalmente. Os temas vêm sofrendo variações de acordo com as necessidades das inquietações dos ouvintes. Os questionamentos, quase sempre, são trabalhados, a partir da realização de palestras e oficinas. Contudo, este grupo ainda não chegou a discutir a temática: “Adoção inter-racial na família adotiva”, embora tenha ocorrido a adoção de crianças negras em famílias compostas majoritariamente por pessoas brancas.

O Grupo de Apoio à Adoção “Amor Pra Toda Vida” do município de Sete

Lagoas/MG tem reuniões todos os terceiros sábados do mês, das 16:00 às 18:30. A missão do grupo é promover a defesa dos direitos à convivência familiar e comunitária de crianças e adolescentes, na perspectiva das diretrizes do ECA, representando os Grupos de Apoio à adoção junto aos Poderes Públicos Instituídos e às Organizações da Sociedade Civil, investindo em ações que desenvolvam e fortaleçam uma cultura de adoção no país.

Já o Grupo de Apoio à Adoção em Uberaba/MG “GRAAU” realiza reuniões mensais abertas ao público todo primeiro sábado do mês, nas quais são abordados temas diversos, geralmente a partir dos depoimentos das famílias adotivas. As ações incluem, além das reuniões mensais, eventos comemorativos que promovem os processos de adoção, tendo como um dos exemplos: a corrida da adoção, que já teve esse ano sua 4ª edição, contando inclusive com a presença de crianças e adolescentes acolhidos, visando assim a inclusão de adolescentes em atividades do Grupo de Escoteiros.

O Grupo de Apoio à Adoção “Pontes de Amor” do município de Uberlândia/MG realiza seus encontros toda segunda quarta-feira do mês às 19:30 e Pós-Adoção toda terceira quinta-feira, às 19:15. A premissa básica deste grupo é apoiar e incentivar a adoção legal e a convivência familiar e comunitária, promovendo saúde intra e inter-relacional de crianças, adolescentes e suas famílias, integrando-os à coletividade social. Algumas das ações deste grupo visam: promover mensalmente palestras dirigidas por profissionais especializados para familiares e pretendentes à adoção que contribuam com: relacionamentos intrafamiliares mais saudáveis; desmistificação de filhos ideais; alinhamento de motivação dos familiares quanto à adoção, a fim de lidar com possíveis eventualidades na tentativa de reduzir o número de devolução de crianças e adolescentes e encorajando, quando possível, a adoção daqueles que foram não acolhidos, devido ao perfil idealizado pelos pretendentes à adoção.

Ao pesquisar sobre os grupos de apoio à adoção acima mencionados, nota-se uma lacuna significativa nas discussões sobre a adoção inter-racial. Embora esses grupos preparem os familiares e responsáveis para a chegada da criança/adolescente ou ofereçam suporte pós-adoção, a temática inter-racial não é priorizada como deveria.

Portanto, a relevância desse assunto é inegável, especialmente porque a maioria das pessoas adotantes são brancas, enquanto a maioria das crianças adotadas são negras. Essa disparidade torna essencial que os Grupos de Apoio abordem as particularidades e desafios da adoção inter-racial, preparando as famílias para lidarem com questões de identitárias, negritudes e pertencimento, de forma a garantir um ambiente de apoio e compreensão para essas crianças e adolescentes.

Contudo, mesmo que não sejam desenvolvidas (ou divulgadas) ações específicas relacionadas à questão inter-racial, o fato desses grupos existirem e discutirem questões relacionadas à adoção, significa uma possibilidade de

abordar a questão racial. Pois, com o auxílio dos Grupos de Apoio à Adoção, pode-se desenvolver um trabalho de conscientização sobre como os responsáveis devem se preparar para adoção inter-racial. Como também projetos sociais para acompanhar famílias inter-raciais, inclusive pós-processo adotivo.

Tendo em vista que comumente muitos pretendentes à adoção cheguem à Vara da Infância buscando uma criança ou adolescente com características que remetem a uma semelhança própria, o que denota uma compreensão incipiente do processo adotivo. Mas, ao serem inseridos nos grupos de apoio à adoção, esses indivíduos passam a desenvolver um entendimento mais aprofundado da natureza da adoção, frequentemente resultando na modificação de seus perfis idealizados. Uma vez que o fenômeno da adoção, em sua essência, constitui-se na busca por um filho que necessita de uma família, e não na procura de um perfil idealizado baseado em pré-concepções discriminatórias.

Cabe ressaltar que os grupos de apoio à adoção desempenham um papel fundamental ao incentivar o encontro entre os pretendentes e as crianças e adolescentes, promovendo o amadurecimento dessa futura família. Essas aproximações relacionais, os levam a refletirem e a internalizar que estão adotando um indivíduo que pode ser de uma raça, etnia ou cultura que não-brancas, por exemplo, e que nem sempre corresponderá às idealizações do casal. Essas aproximações relacionais, ocorrem através de atividades realizadas pelos grupos, nas quais proporcionam convivência comunitária, estimulam a responsabilidade social, auxiliam no combate ao preconceito e possibilitam a troca de conhecimentos e afetos.

Diante disso, mesmo que a adoção inter-racial não figure como uma das principais pautas dos grupos de apoio à adoção ora pesquisados, a própria natureza do trabalho que desenvolvem os posiciona como espaços coletivos potenciais para a construção de estratégias eficazes e o aprofundamento das discussões pertinentes à adoção inter-racial.

3. CONCLUSÃO

Os desafios inerentes aos processos de adoção são significativos; entretanto, no contexto da adoção inter-racial, tais dificuldades tendem a ser potencializadas. É inegável que a sociedade contemporânea é permeada por vestígios de racismo, legados da escravidão e do preconceito sistêmico contra a população negra. Consequentemente, observa-se um considerável número de indivíduos que não aceitam, de modo algum, crianças negras em seus núcleos familiares. Nesse cenário, os Grupos de Apoio à Adoção emergem como um recurso promissor para promover o debate sobre a questão racial e social, fomentando

uma cultura afetiva de adoções que transcendam os aspectos violativos do racismo estrutural.

Famílias adotivas de crianças e adolescentes negros frequentemente se deparam com questões complexas, tais como: o enfrentamento do racismo no ambiente escolar, a construção de uma identidade racial positiva para a criança e adolescente, e a compreensão do impacto do privilégio da branquitude. Em vista disto, Os Grupos de Apoio facilitam o intercâmbio de experiências, estratégias e conhecimentos práticos, essenciais para o enfrentamento desses desafios que podem surgir no período pós-adoção.

Contudo, um dos maiores desafios na adoção inter-racial reside em auxiliar a criança e ao adolescente no desenvolvimento de uma identidade racial positiva. Por isso, os Grupos de Apoio podem oferecer orientações sobre como abordar o tema dos processos de racialização e sociabilização, a fim de apresentar referências étnico-culturais que celebrem a diversidade da existência humana.

Entretanto, a adoção inter-racial ainda é um tema pouco discutido e, em algumas circunstâncias, carece de visibilidade. Fazendo com que, mesmo diante de uma natureza contraditória, os Grupos de Apoio desempenham um papel crucial ao trazer essa temática à tona, combatendo preconceitos e evidenciando a beleza e a complexidade dessas formações familiares. Além disso, engajam campanhas e palestras com a intenção de conscientizar a sociedade civil, acerca da relevância e das particularidades que compõem os processos de adoção inter-racial.

REFERÊNCIAS

ADOÇÃO BRASIL: gerando amor. **Perfil da Adoção no Brasil em números**
Disponível em: <<https://www.adocao brasil.com.br/perfil-da-adocao-no-brasil-em-numeros/>> Acesso em: 30 jan. 2018.

BRASIL Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Maceió, AL, jul. 2010. Disponível em: <http://www.conselhodacrianca.al.gov.br/sala-de-imprensa/publicacoes/ECA_ATUALIZADO.pdf/view>. Acesso em: 14 fev. 2016.

BRASIL. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil. 1988**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm> Acesso em: 14 fev. 2016.

CÉSAIRE, A. Discurso sobre a negritude. *In: Prefácio e o discurso sobre a negritude*. CÉSAIRE, A; Moore, C. (org.). Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

DALBÉRIO, O. DALBÉRIO, M, C. **Metodologia científica: desafios e caminhos**. São Paulo: Paulus, 2009.

GASPARETTO, A, J. **Navios Negreiros Categorias: Escravidão no Brasil 15/12/2009**
Disponível em: <https://www.faecpr.edu.br/site/porta l_afro_brasileira/3_II.php> Acesso em: 24 maio. 2018.

GOMES, N, L. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. 2012. *In: Educação anti-racista: caminhos abertos*

pela Lei Federal, n. 10.639/03, 2019. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2017/03/Alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-Rela%C3%A7%C3%B5es-Raciais-no-Brasil-uma-breve-discuss%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 23 de fevereiro, 2023.

Hooks, B. **Olhares negros. Raça e representação**. São Paulo, Elefante: 2019.

MBEMBE, A. **Crítica da Razão Negra**. Lisboa: Antígona, 2014.

NETTO, J. P. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

PAVEZI, R, M, B; GITAHY, R, R, C. A adoção e o preconceito inter-racial. **Em tempo**, p. 63, 2004. Disponível em: <<https://revista.univem.edu.br/emtempo/article/download/144/169/0>>. Acesso em: 23 de fevereiro, 2023.

SILVEIRA, A, M. **Adoção de crianças negras: inclusão ou exclusão?** São Paulo: Veras Editora, 2005.

SOUZA, H, P; CASANOVA, R, P, S. **Adoção e Seus Desafios**. Curitiba, Juará Editora, 2011.

VALESCO, C; REIS, THIAGO. **Preconceito dos pretendentes em relação à cor da criança na hora de adotar cai ano a ano no Brasil**. Portal G1, São Paulo, 20 de nov. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/noticia/preconceito-dos-pretendentes-em-relacao-a-cor-da-crianca-na-hora-de-adotar-cai-ano-a-ano-no-brasil.ghtml>>. Acesso em: 23 de fevereiro, 2023.

WEBER, L. N. D. **Pais e filhos por adoção no Brasil: características, expectativas e sentimentos**. Curitiba: Juruá, 2001.